

## DIVERSIDADE CULTURAL ESCOLAR AMAZÔNICA E INTERCULTURALIDADE CRÍTICA FREIREANA<sup>1</sup>

**Hanna Tamires Gomes Corrêa**

Graduanda de Licenciatura Plena em Pedagogia. Bolsita PIBIC/CNPQ

Universidade do Estado do Pará

**Ivanilde Apolucendo de Oliveira**

Pós-doutora em Educação pela PUC-RIO. Doutora em Educação: Currículo pela PUC-SP.  
Professora e pesquisadora titular do PPGED-UEPA.

Universidade do Estado do Pará

### Resumo

Este estudo bibliográfico visa analisar a relação entre diversidade cultural escolar amazônica e interculturalidade crítica freireana, tendo por base autores que defendem uma educação intercultural, dando-se destaque ao pensamento de Paulo Freire, pelo fato de em suas obras estarem presentes princípios e ações interculturais críticas. Consiste em um recorte da pesquisa “diversidade cultural escolar amazônica e interculturalidade crítica freireana” - PIBIC/CNPQ, ainda não concluída. Neste estudo, destacamos a importância da educação intercultural crítica, como referência para a educação escolar do campo na Amazônia, por esta educação considerar o contexto cultural do educando, as suas condições concretas e seus saberes, a fim de viabilizar uma educação crítica, que respeite às diferenças e viabilize a inclusão social de grupos historicamente discriminados e excluídos.

**Palavras-Chave:** Interculturalidade crítica freireana. Diversidade escolar. Amazônia

### Introdução

Este estudo visa analisar a relação entre diversidade cultural escolar amazônica e interculturalidade crítica freireana, tendo por base autores que defendem uma educação intercultural, dando-se destaque ao pensamento de Paulo Freire, pelo fato de em suas obras estarem presentes princípios e ações interculturais críticas. Consiste em um recorte da pesquisa “diversidade cultural escolar amazônica e interculturalidade crítica freireana” - PIBIC/CNPQ, ainda não concluída.

---

<sup>1</sup> Projeto de Pesquisa PIBIC/CNPQ, com realização no período de 2016 a 2017.

Freire (1993) compreende ser necessária a relação entre os saberes nas práticas educacionais. Como a construção do conhecimento se dá por meio da relação entre saberes e contextos, envolvendo os saberes científicos e populares, e o contexto global e local, nas escolas do campo da Amazônia, passa a ser importante ser considerada a pluralidade de sujeitos e a diversidade de saberes. Sujeitos ribeirinhos, quilombolas, indígenas, entre outros.

Camponeses e cidadãos de diferentes matrizes étnicas e religiosas, com diversos valores e modos de vida, assumindo uma variedade de ocupações, e em interação com a rica e atrativa biodiversidade presente nos ecossistemas aquáticos e terrestres da Amazônia (RODRIGUES ET AL. 2007, p. 30).

A educação escolar nas áreas rurais na Amazônia ainda é marcada por “caráter em geral padronizador, homogeneizador e monocultural da educação” (CANDAU, 2008, p, 14), não levando em conta o contexto cultural local. Para superar essa situação, a abordagem intercultural crítica freireana consiste em uma proposta viável, pois contribui para a interrelação entre diferentes, desenvolvimento de consciência crítica e construção de identidade, cooperando, assim, para a superação da exclusão cultural e social.

Paulo Freire traz para debate tanto a questão da opressão social quanto a diferença por questão de classe, etnia, gênero, capacidade, entre outras, problematizando as desigualdades e a exclusão social de segmentos populares (OLIVEIRA, 2015).

Para Santos (2003, p.63):

Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

Neste estudo, destacamos a importância da educação intercultural crítica, como referência para a educação escolar do campo na Amazônia, por esta educação considerar o contexto cultural do educando, as suas condições concretas e seus saberes, a fim de viabilizar uma educação crítica, que respeite às diferenças e viabilize a inclusão social de grupos historicamente discriminados e excluídos.

## **Revisão de Literatura**

Freire (1980, 2004) propõe que o ensino seja realizado a partir do contexto do educando e destaca a necessidade de haver relação entre as culturas.

Candau (2008) discorre sobre o multiculturalismo a destacar a existência de diferentes concepções deste, sendo essas: a concepção assimilacionista, a qual possui como foco incorporar e absolver os grupos marginalizados à cultura elitizada; a segunda concepção é monocultural plural, ou seja, afirma que a forma de lidar com as diferenças é as isolando em “guetos”, nos quais suas culturas específicas possam ser afirmadas; a terceira concepção é intercultural. Esta terceira concepção, Para Walsh (2001, p. 10) é uma forma de “relação, comunicação e aprendizagem, entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade”.

Ainda que Freire não tenha escrito diretamente sobre Interculturalidade, sua proposta educacional e social se dá ao problematizar a dicotomia entre saberes ditos populares e eruditos, pois reconhece como legítimo os saberes das classes oprimidas, a considerar que todas as produções humanas são culturais (FREIRE, 1980) e devem ser respeitadas. Assim, é possível associar suas categorias fundantes à Interculturalidade, tais como, o diálogo, o respeito à diferença (OLIVEIRA, 2015).

Para Candau e Moreira (2008) a interculturalidade em Freire se dá por meio do respeito, reconhecimento da diferença e a troca de experiências.

Considera-se importante frisar que, segundo Santos (2003, p. 745) existem constelações de saberes, os quais devem ser considerados importantes em todos os segmentos da vida, a incluir o campo educacional, visto que “o mundo actual é composto por comunidades plurais de saberes... Historicamente falando, todos estes centros de saber são legítimos”.

A multi/Interculturalidade para Freire (2004) faz parte de um processo de reconhecimento, resistência e libertação, por meio do qual a dita minoria se reconhece como maioria na sociedade. Entretanto, não com o intuito de se sobrepor a outras culturas, e sim simplesmente com o intuito de ser quem são.

Na liberdade conquistada, no direito assegurado de mover-se cada cultura no respeito uma da outra, correndo risco livremente de ser diferente, sem medo de ser diferente, de ser cada um “para si”, somente como se faz possível crescerem juntas. (FREIRE, 1993, p. 156).

Além disso, é importante compreender a escola como um espaço para se promover esse processo de reconhecimento, resistência, diálogo e empoderamento, pois, de acordo com Candau e Leite (2006) a sala de aula possui múltiplas narrativas as quais dão embasamento para processos interculturais. Com isso, “concebe-se a educação como prática social que se inscreve na tessitura da vida cotidiana, para além dos domínios sistematizados do mundo escolar” (ALBUQUERQUE, 2012, p.27).

### **Educação intercultural crítica para as escolas do campo na Amazônia**

Uma educação intercultural crítica parte dos saberes e leituras de mundo do educando, o que inclui saberes da sua localidade, no caso, a cultura amazônica na qual “podem ser percebidas, mais fortemente, as raízes indígenas e caboclas tipificadoras de sua originalidade”, (RODRIGUES ET AL, 2007, p. 31). Esta realidade plural é relevante, visto que:

O saber local deve passar a ser compreendido não como o conhecimento autêntico, único e exclusivo de um determinado grupo, mas como um conhecimento que se promove no diálogo e na resistência entre os conhecimentos globais e locais. Este conhecimento, local porque situado, porque produzido e partilhado dentro de um determinado grupo, contém saber prático e teórico, incluindo representações e práticas sociais que se relacionam com um determinado conhecimento técnico (SANTOS, 2003, p. 746).

Com isso, considera-se, em consonância com Brandão (2015), que cada cultura é única e relevante para a construção de identidades dos sujeitos os quais as constituem, cada cultura possui uma coerência interna a qual contribui para que o indivíduo compreenda a si como sujeito e se faça compreendido.

Assim, cabe às escolas, conforme Candau e Leite (2006) desnaturalizar os valores dos conteúdos ensinados em suas salas de aula e compreender que a diferença é uma construção histórica. Deve ser reconhecido o direito a diferença, mais do que um respeito distante entre diferentes, é importante que haja troca de experiências e saberes na vivência escolar.

Respeitar as diferenças culturais e os saberes dos educandos da Amazônia passa a ser relevante para que os mesmos tenham uma aprendizagem significativa, ao mesmo tempo possam adquirir a capacidade crítica de problematizar a realidade social local, visando a transformação da sociedade.

A educação freireana por ser dialógica e democrática possibilita a participação dos educandos, como sujeitos de sua aprendizagem.

Para Freire (2011, p. 140) uma prática pedagógica intercultural crítica freireana dialógica, ética e cultural “é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança”.

### **Considerações Finais**

A prática pedagógica intercultural crítica freireana é de grande relevância para a discussão e conhecimento da diversidade cultural amazônica, pelo fato de ressaltar a pluralidade de sujeitos e saberes, bem como respeitar as diferenças, sem as reduzir ao exótico, problematizando a precariedade de suas condições de vida e apontando caminhos para superação da exclusão social.

Além disso, contribui para uma aprendizagem significativa aos educandos, pelo fato de ser uma forma de ensino que parte do contexto e da leitura de mundo dos educandos, desenvolvendo-lhes o senso crítico e a autonomia, sendo a educação vista como uma construção na qual educadores-educandos aprendem e ensinam.

### **Referências**

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. **Beberagens e processos educativos não escolares no Brasil**. Belém: EDUEPA, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Nós humanos. Do mundo à vida, da vida à cultura**. São Paulo. Cortez, 2015.

CANDAU, Vera; MOREIRA, Antonio Flávio. **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis –RJ: Vozes, 2008.

CANDAU, Vera; LEITE, Miriam. Diálogos entre diferença e educação. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez/Ass, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 2e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

\_\_\_\_ **Pedagogia da Tolerância**. São Paulo: UNESP, 2004.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Paulo Freire: gênese da educação intercultural no Brasil**. Curitiba: CRV, 2015.

RODRIGUES, Denise Sousa Simões et al. Cultura, cultura popular Amazônia e a construção imaginária da realidade. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos. **A cultura amazônica em práticas pedagógicas de educadores populares**. Belém: EDUEPA, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_ (org). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências**. Revisitando Porto: Afrontamentos, 2003.

WALSH, Catherine. **La educación intercultural en la educación**. Peru: Ministério da Educação, 2001.